

ESPÍRITO CRISTÃO NA LITERATURA ATUAL

REINALDO BOSSMANN
Universidade do Paraná

Na poesia alemã atual, a literatura produzida pelo espírito cristão, representa um campo de significação própria. O poeta cristão ergue-se com sua mensagem nas discussões do tempo, nas quais se melam tantas forças antagônicas. Sua voz tem, em nossa geração, um poder extraordinariamente grande. Ela não pode nem deve deixar de ser ouvida e compreendida. Expressão de existência íntima, mensagem e proclamação, palavras dessa espécie sempre se fizeram ouvir no decurso da apresentação. A poesia torna-se aquilo que deve ser, pela graça da palavra. Mas a palavra é sinal de um mundo espiritual, que se lhe apresenta. A poesia é mais do que mero surgimento da escrita figurativa, que se localiza nas profundezas recônditas da alma. Ela é, ao mesmo tempo, um aprender e formar espirituais. A poesia não é somente o sentido da espelhação. Ela assume o caráter de uma confissão. Franz Werfel, o poeta da canção de Bernadette, em seus últimos anos, exigiu da poesia a força da confissão.

Compreende-se implicitamente que a poesia cristã de nosso tempo traz em si o seu próprio mundo, procurando, também dar expressão ao mesmo. Para a maneira de expressar-se é de decisiva importância, em que sentido o poeta dirige seu olhar e quais as forças que o suportam. Contrariamente aos que procuram dolorosamente e muitas vezes sem esperança, êle sabe-se na posse de muitas certezas, que recebeu por meio da revelação. Êle é capaz de, do ponto de vista cristão, julgar perigo e salvação, desgraça e felicidade do homem, pronunciar a exigência da vida, da eternidade, de Deus, que se lhe faz das realidades da vida. No difícil problema do nosso tempo, na pergunta, se o homem está subordinado às forças do mal ou às do bem, como se comportam na última essência metafísica

o bem e o mal em relação um ao outro, foi-lhe dada resposta de que espécie seja a natureza de Deus. Assim, êle não se enquadra mais tanto entre os que procuram como entre os que confessam. Êle conhece, também, o cântico de louvor, que glorifica o Criador — a melodia de uma proclamação, que, de outra forma, não teria mais lugar na escuridão de nossas opiniões.

Não obstante, a poesia cristã está em nossa época. Ela está incluída nas confusões e faz parte da miséria comum. O enigma dêste mundo é reconhecido em sua gravidade, o mal compreendido como uma fôrça das trevas. O “Deus oculto” ou conforme uma formulação significativa de Martin Buber — o “Deus que se oculta”, não o “Deus absconditus”, porém a “latens Deitas”, é a experiência tornada cristã, da incredulidade cética, que fala da não presença de Deus. Faz parte dos temas da poesia cristã de nosso tempo, que Deus seja um Deus invisível, inacessível, misterioso. No lugar do Deus benévolo veio o Deus rigoroso. O “De profundis” está mais próximo de nós que o “Te Deum”.

Apesar desta aproximação à problemática moderna, desenvolve a poesia cristã um estilo próprio ao seu espírito. A presença de Deus obriga à moderação. O poeta de mentalidade cristã encontrar-se-á mais raramente às margens dos abismos, êle também evita as formas ousadas de linguagem. Êle o pode, tanto mais fàcilmente quanto êle mesmo é preservado de muitas deformações, das quais o poeta moderno tantas vêzes é vítima. Se êle penetra em tais áreas, onde o mal, aparentemente, instalou o seu domínio, pode sempre reconhecer e tornar visível, talvez fraco, brilho que emana da luz eterna. No entanto, êle paga o seu tributo ao sentido da vida moderna. O mal também o aflige. Os abismos se abrem também para o poeta cristão. Sombras desconhecidas desprendem-se dos confins do mundo. Êle sabe se orientar no ambiente do surrealismo. Parece, porém, que também aqui a moderação o prenda e obrigue ao reconhecimento da extensiva ordem divina.

O objeto da poesia cristã é a verdade total, como ela se apresenta aos olhos instruídos pela revelação: a plenitude de Deus. Nela o mundo e o homem são os enigmas velados. Os demônios continuam, mas perdem sua importância. A natureza

se torna a portadora dos “rastros de Deus”. As cousas dêste mundo transformam-se em enigmas e hieróglifos, cuja importância deve ser revelada. O homem e a terra — o doloroso tema de tanta poesia imanente — recebe um sentido nôvo. O mundo torna-se mais alegre, porque não os olha como uma esfinge. A salvação vem de fontes divinas. Destinos humanos, complexos e confusos, desatam-se. Formas da poesia retomam seus traços simples, porém autênticos. Natureza, povo e história, dêste ponto de vista, ganham um sentido mais profundo. A origem do homem, não por origens naturais, e sim espirituais, leva as fontes da nossa existência a uma luz mais clara. A antigüidade ganha nôvo valor exatamente dentro dos limites do pensamento e da poesia cristãs.

De modo geral é difícil definir mais exatamente a poesia cristã. Deve tudo isto pertencer ao que será escrito por cristãos e o que se origina da fé cristã? Certamente teremos que, em sentido mais amplo, acrescentar tudo aquilo que tiver sua origem na extensão e profundidade do universalismo cristão. Num sentido mais restrito compreendem-se aquelas manifestações poéticas, que tiram seus motivos da mensagem de salvação cristã e as quais têm como objeto as particularidades da existência cristã num mundo de dissensões e perigos.

Assim, não é de admirar, que do grande número de poetas cristãos da moderna literatura alemã, apareçam poucos somente. Alguns acham-se classificados de outro modo. E, mesmo os aqui citados, de forma alguma entram com tôda a sua obra no símbolo do Evangelho. Mas o sentido de sua poesia é impregnado pelo desejo de proclamar a mensagem de salvação.

Entre as mais impressionantes figuras de velha geração destaca-se *Peter Doerfler* (1878), um dos narradores mais felizes do nosso tempo. A riqueza de sua obra origina-se de fontes diversas, mais profundamente da concepção católica, na qual se encontra tôda a verdade e seu significado inerente. Católico convicto, Doerfler é conservador, afastado da avidez de uma época materialista que a si mesma engana, mas conhecedor de cada fraqueza humana e, por isso mesmo, tudo, menos um sonhador com exigências ideais, mas conhecedor profundo dos segredos da alma simples. Pela sua formação Doerfler é um homem de medida e de mediania. É contrário

aos extremos, alheio aos espíritos inquietos do nosso tempo. Antes amigo da sabedoria calma e da conduta moderada, à qual os homens se entregam de boa vontade. Em sua capacidade de representar com riqueza de figuras as decisões dos corações em eterna luta pelo bem no mundo, explica-se a influência de sua obra colossal. Doerfler é também um amante dos maltratados e atormentados pelos golpes inevitáveis do destino. Para êstes, cria os contrastes em sua poesia, pelos quais consegue não só comover, mas também consolar. Pois as dificuldades e durezas que a vida nos oferece, serão sempre iluminadas pela luz eterna. O poeta inicia sua obra com o conto "Als Mutter noch lebte" (Quando mamãe ainda vivia). É a história do pequeno Friedel, a qual nos conduz ao mundo maravilhoso de sua infância, onde êle presencia "a felicidade no seu cantinho", os jogos e a igreja, até que, com a morte da mãe, acabam súbitamente os primeiros anos felizes. Esta obra é um conto que faz alusão à criação de Doerfler, na qual estão mesclados o elixir da vida e a amargura da enfermidade. "Der Weltkrieg im schwaebischen Himmelreich" (A guerra mundial no reino celeste suábio) apresenta os efeitos do início da guerra numa distante aldeia da montanha. Seu tom fundamental é mais profundo e mais grave, apesar de que também aqui, o mais difícil torna-se mais fácil de ser suportado, pelos consolos da Igreja. Mais adiante, o poeta toma como objeto assuntos históricos: "Das Geheimnis der Fische" (O segredo dos peixes) e "Neue Götter" (Novos deuses) são contos do comêço da era cristã. Com os romances "Der ungerichte Heller" (O centavo injusto) e "Die Papstfahrt durch Schwaben" (A viagem do papa através da Suábia), o poeta retorna aos motivos da pátria. Na atmosfera da pátria culmina sua arte de narração. A classe dos agricultores de sua terra natal, a realidade católica e rústica, com seus decontentamentos bondosos, com suas pequenas desordens e contrariedades, num horizonte mais amplo, vê-se coberta pela sabedoria e cuidados papais. O romance "Die Schmach des Kreuzes" (A humilhação da cruz) repousa sôbre estudos sutis. Mais tarde foi publicado sob o título de "Heraklius". É um dos grandes romances históricos do presente. Doerfler transforma a História em poesia, na qual êle desperta o século VII para uma nova vida. O ponto central dêsse romance é a potente

figura do imperador romano Heráclio, o qual se incumba de proteger o seu reino, de arrancar das mãos dos infiéis a cruz de Cristo e de salvar os cristãos que estão expostos às heresias. Ele trava guerras santas e leva para Golgotá a cruz roubada. A trilogia “Apolônia” é um romance de plano amplo, descrevendo a vida de uma família campestre. Apolônia existe para fazer e proteger a justiça, para conduzir os bons e encorajar os fracos. Ela descobre em si mesma ter passado a vida nas mãos de uma vontade superior, indo pelo caminho traçado pela providência. Este romance é uma grande obra de realismo cristão, sempre perto da realidade concreta, que se representa no símbolo do cristianismo, abençoada e pecadora, mas não perdida. Familiarizada com os segredos do bem e do mal, mas por último na Providência de Deus, que não abandona aquele que confia.

Do mais íntimo contato com o povo e solidariedade para com o catolicismo, resultou a obra de *Heinrich Federer* (1866-1928), que se caracteriza pela força da sensibilidade, pelo humor melancólico — travêso, pela atitude meditativa equilibrada e pelo procedimento severo conquanto cordial. Numa série de livros, Federer faz uso de sua experiência sobre o homem, experiência esta adquirida no sacerdócio. Dêstes livros conseguiram fama especial “*Berge und Menschen*” (Montanhas e Homens), “*Lachweiler Geschichten*” (Histórias de Lachweil), “*Jungfer Therese*” (Solteirona Tereza) e “*Papst und Kaiser im Dorf*” (Papa e Imperador na Aldeia). Ele descreve os homens simples, os camponeses no campo, nos vinhedos. Mas onde quer que os coloque, êles refletem o mundo em geral. Sua popularidade, que fez dêle, ainda em vida, um dos escritores mais lidos, fundamenta-se no maravilhoso dom de ver a eterna ordem do universo, sem confundir as cousas, aceitar a disciplina da vida cristã como algo incontestável e imiscuir-se o menos possível na obscura problemática do tempo. Assim, o mundo da fé, é uma grande realidade, na qual os homens vivem, experimentam o pecado e a virtude, sabendo que participam de Deus, sem serem divinos, que são malfeitores, sem contudo estarem à mercê do diabo. Federer é o escritor da serenidade cristã. Ele consegue armar grandes conflitos, mas no final não há nenhuma perplexidade ou exasperação, mas sim a sabedoria do amor, que é um reflexo da luz

eterna. Francisco de Assis lhe está mais próximo do que o brilho da magnificência papal. Assim como ao santo de Assis, também dedica ao Irmão Claus uma série de histórias. A santos desta espécie estende-se a devoção de todo o mundo católico. O valor do escritor está principalmente na narração curta e concisa que se desdobra em contornos nítidos e em diálogo vivo, num processo extenso que alcança o dramático, em cujo decurso os seres são levados a uma decisão, muitas vezes nos últimos e mais importantes problemas da existência. Mas não reina nessas histórias a mão confusa da moderna perplexidade, porém a suave e resoluta sabedoria que está presente na ordem de tôdas as cousas.

O sentimento cristão em questões éticas que levou *Werner Bergengruen* (1892) ao catolicismo, evidencia-se em suas obras, principalmente em sua lírica. Também ela é a expressão do perigo a que está sujeito o ser humano e da fé auxiliadora na graça divina. Bergengruen qualificou certa vez o poeta de “desvendador da ordem eterna”, querendo com isto definir o próprio cargo desempenhado com modéstia. Naturalmente, estava longe de querer atribuir ao poeta forças proféticas ou sacerdotais e de dar à sua palavra caráter apocalíptico, como o fazem todos aquêles que confundem arte com religião. O poeta e sua obra pertencem muito mais aos grandes universos criados por Deus e êle se faz personagem de co-criador de uma plenitude, dada por Deus. Fazer poesias seria essencialmente entoar um hino de louvor, pois em última análise, a palavra do poeta serve para honrar a Deus. A antiga doutrina, de que o mundo seja o portador dos “rastros de Deus”, forma o âmago de suas convicções. Este nosso mundo está portanto impregnado de Deus. Tudo o que foi criado ou o que acontece, refere-se a si mesmo e a algo mais elevado. O simbolismo de Deus se renova e até mesmo se enriquece: a própria linguagem é compreendida através do símbolo. Do ponto de vista universal cristão da criação, o momento da substituição tem uma importância capital, e assim torna-se evidente, como é aí que encontramos o princípio decisivo da realização da poesia de Bergengruen. Quem sempre engrandece o homem, tem de partir do fato de que êle é um ser decaído. A poesia de hoje, em geral, luta com o lado enigmático do homem e, em grande parte, não o sabe interpretar. O pessimismo da época está jus-

tamente fundamentado nisto, que o homem não sabe o que fazer consigo próprio e julga-se mergulhado mais profundamente no espírito teológico e metafísico do que realmente pode estar.

Bergengruen admite o tema da época à sua maneira: o homem é inseguro e fraco, pecador e arruinado. Mas êle está destinado à salvação. Reconhece-se nisto a grande diferença de toda poesia que só procura a paixão no homem, para evidenciá-la. Depende apenas de como o apaixonado se adapta ao mundo moral. Bergengruen é mestre da novela moderna. Êle gosta de colocar os seus heróis em situações incomuns. Por um inesperado incidente lança-os fora da trilha. Os portões são chaveados por fora, impossibilitando qualquer fuga. Somente o céu é visível; o caminho para a livre elevação moral fica aberto. Naturalmente abrem-se precipícios, permanecendo sempre a possibilidade de queda e naufrágio. Suas grandes obras são patrimônio público e as pequenas encontram-se disseminadas em número indescritível. Problemas e temas voltaram ao domínio comum da época, por terem brotado da participação viva com a mesma. Entre os romances devem ser mencionados "DerGrosstyrann und das Gericht" (O grande tirano e o juízo), "Am Himmel wie auf Erden" (Assim no céu como na terra). Entre as novelas: "Die drei Falken" (Os três falcões), "Der Starost" (O estaroste), "Das Feuerzeichen" (O signo de fogo). No grande romance de após guerra "Der goldene Griffel" (O estilete de ouro), consta a frase: "Êle veio ao mundo, caiu em culpa, entregou-se à graça".

Também *Josef Leitgelb* é um homem de problemas, cético, reservado, em busca de clareza. Vive na tensão entre a alegria da fé católica e a incerteza moderna. Participa das experiências da vida moderna, fala muito das forças das trevas. Leitgelb é dotado de natureza sentimental, a qual vive do anseio insaciável pela verdade. Meditações, considerações e contemplações levam-no para o mundo das pequenas cousas, porém estas lhe revelam a grandeza que nelas se oculta. Seu romance "Christian und Brigitte" pertence à ordem dos grandes romances, daqueles que procuram a Deus. Josef Leitgelb prefere o gênero de odes, nas quais a experiência não é tratada material e subjetivamente, mas sim espiritual e objetivamente.

As obras de *Gertrude von Le Fort* (1876) não tratam tanto de protestantismo ou catolicismo, mas de paganismo ou cristianismo. O que Gertrud von Le Fort anseia realizar na vida pela sua obra, isso ela pôs na figura de Verônica, na obra "O véu de Verônica". Para ela o convertido não é um homem que acentua a separação de credos, mas que a superou. Trata-se aqui do reconhecimento iluminador, de que a diferença de credos é menos uma separação de fé do que uma separação de amor. A superação teológica daquela separação de fé nunca pode ser levada a efeito, se não lhe proceder a superação da divergência de amor. A existência cristã não lhe significa tanto tranqüilidade, mas atinge as profundezas da decisão cônica e solitária. O amor cristão é isso: conhecer tôda a problemática do homem e assim mesmo amá-lo. Isso parece a idéia fundamental e o fio de ouro como elo invisível, característico de tôdas as obras dessa renomada poetisa. A sua criação poética se move em tórno dos mais palpitantes problemas humanos, e se revela em formas as mais extraordinárias. É conduzido pelos alicerces infrangíveis do ser humano. A estrutura do mundo está profundamente firmemente nas idéias de Deus. Patrimônio da idade média e ideologias platônico-aristotélicas transpassam para o presente e dispõem o plano da criação. Porém a humanidade, que caminha através de vastos distritos, é tocada pelas necessidades do presente. Tem que subsistir às mais pesadas provações, é atirada até os limites da existência, porém está à espera de salvação, mesmo quando muitas vezes esteja fechada para ela. Cabe-lhes escolher entre o desespero motivado pelos caprichos do Ego, ou a salvação por intermédio de Deus, a quem se entrega. A autora interessa o problema moderno: o Ego autônomo ou Deus. A medida humana ou divina torna-se um dos principais motivos da poetisa. A perguntas dêste gênero ela dá respostas, enquanto dispõe todos os acontecimentos aos olhos de Deus unipotente. O mundo com seus abismos é compreendido por ela, mas sôbre êles flutua triunfante o espírito divino. Por tôda parte estão os "rastros de Deus". Êles mostram-se principalmente na contínua obra da salvação de Cristo, nos efeitos dos sacramentos, na instituição da Igreja. A lírica e prosa de Gertrud von Le Fort estão ligadas profundamente com a fé do cristianismo. Desta mesma fonte provém a sua teologia e

história. O universalismo cristão é desdobrado pela autora. Ele se apresenta na relação entre Deus e o homem. Deus é o Senhor de tôdas as cousas — no céu e na terra, no tempo e na eternidade, na Igreja e no mundo, sôbre santos e pecadores, sôbre mocidade e velhice, homem e mulher. Sua obra mostra esta relação em cada página. A volumosa obra da autora movimenta-se sob os pontos de vista de três motivações: no centro de sua poesia estão a Igreja, o reino e a mulher. Estes três motivos formam um todo entrelaçado o qual a acompanhou por tôda a vida.

Reinhold Schneider (1903-1958) movimenta-se por longo tempo entre o ensaio histórico e a prosa poética, à qual estão subordinadas as suas grandes produções históricas (“Die Leiden des Camões”, “Die Hohenzollern”, “Das Inselreich”, “Macht und Gnade”). Ele observa profunda e melancolicamente a obscuridade do ser, a união do poder e do pecado, mas mesmo assim vive em tudo a sabedoria e a misericórdia de Deus e a responsabilidade da fé. Sua consciência cristã leva-o à oposição política, a qual faz com que nos seus sonetos a consciência clame por Deus no julgamento do tempo. No homem, no retrato que foi elevado por Cristo acima de sua queda, acontece o mais terrível delito. Um ódio enigmático caíra sôbre o homem. Talvez sentissem aquêles que se entregaram a êste ódio, que seu próprio retrato estava destruído. Mas o católico crente consegue auxílio da fonte pura da fé. Reinhold Schneider fez relação do trágico para com a cruz, o problema fundamental de sua vida. As duas partes da vida, mundo e super-mundo, separam-se. Resta a pergunta sôbre qual seja a ponte que unirá um ao outro. No sentimento de vida de Schneider elevam-se divisas nítidas; aqui o mundo com suas infâmias, suas corrupções, seus vícios — além a cruz que exige submissão e que para isso estende a mão por sôbre o abismo para dar salvação. O trágico no mundo baseia-se na participação do homem na imperfeição, na fraqueza, na fragmentação da raça humana, na irrealização de nossa vida, na tentação da nossa natureza e na sua inconsistência. Porém a cruz, o sinal de Deus, é o consôlo na miséria, a única esperança, a garantia para a nossa salvação num mundo vindouro. Êste dualismo rígido e doloroso na consciência cristã de Schneider tem sua origem nas sombrias experiências do nosso

tempo. O poeta viu-se afogado na confusão do nosso século e a duras penas conseguiu libertar-se dela como um dos mais experimentados. Êle mesmo reconheceu ter passado à beira do abismo, freqüentemente com perigo de dar o passo para a fatalidade. Talvez por êste conhecimento se esclareça quão grandes são as tentações nihilistas, o extremismo da própria solução; o mundo não é digno de nada, mas sôbre êle paira a cruz. Parece que na experiência de Schneider não existe amizade entre o céu e a terra, mas apenas a relação entre pecado e perdão, fraqueza e graça, pequenez e majestade. O mundo degenerado, submerso, criminoso, como êle é, só se pode salvar mediante a extrema humilhação, a vontade de seu próprio abandono, com grande renúncia, com sua oferenda total. Quem aspira ao mais elevado e ao último despede-se do mundo, lança de si todo o poder, renuncia a tôda resistência. O abismo ante nós só pode ser vencido se tomarmos a cruz; só assim nós podemos nutrir a esperança de que o crucificado se compadeça de nós.

A grande obra literária de Schneider não é senão “o clamor do homem expulso do paraíso”, o qual percebeu que fora da mansão divina êle não tem pátria.

A lista dos poetas católicos da literatura alemã da atualidade, infelizmente terá de ficar incompleta nesta curta passagem. Ainda deveriam ser citados o clérigo e poeta-filósofo Romano Guardini, professor da Universidade de Munique, o judeu nascido em Stettin, Alfred Doebelin, que durante a emigração se converteu à religião católica, Jakob Kneip, o autêntico conhecedor do cristianismo católico, Illa Andreae, o então aluno missionário Paul Schallück, e Sigismund von Radecki, que no ano de 1931, se converteu à religião católica.

Através de seu reconhecimento público da religião católica, todos êles como pregadores leigos emprestam pelos seus trabalhos literários força e vigor a milhares de cristãos, ensinam aos fracos e decaídos o caminho de retôrno, estabilidade e confiança na graça do justo, bondade e infinito Juiz Nosso Senhor.